

EDITORIAL

A proposta do dossiê **Descentrar o cânone da memória literária: repensando a obra de Bernardo Kucinski**, ao convidar pesquisadoras e pesquisadores a apresentarem artigos que analisassem o conjunto de sua obra e sua figura como intelectual *engagé*, era concentrar-se no papel que seu pensamento ocupa na produção literária contemporânea, na recepção que teve fora do Brasil e no diálogo intertextual que entretém com outros autores nacionais e internacionais. Com esta reunião de textos, esperamos ter contribuído para a ampliação e atualização da fortuna crítica em torno da obra de Bernardo Kucinski e do legado que ela nos deixa como leitores e estudiosos.

Os artigos presentes na primeira seção desta edição retratam a recepção de sua obra no Brasil, Europa e Estados Unidos, o diálogo que estabelece com romancistas de sua geração, como Antonio Callado, e com as gerações posteriores, dos filhos, parentes e testemunhas indiretas do período de horror que foi a ditadura brasileira. Três deles concentram-se na análise de seu romance de estreia, *K. Relato de uma busca*, paradigmático *livro-culto* (como lhe chamou o próprio autor) que forçou o sistema cultural brasileiro a fazer mais uma vez as contas com as memórias da Ditadura Militar, tendo sido o único documento literário utilizado pela Comissão da Verdade em 2014.

Se a literatura é lugar de memória, ela pode ser espaço de criação de arquivos que mantêm viva a história de um passado de violência, operando como núcleo de resistência contra momentos de retrocesso humano, como o que estamos vivendo, e como instrumento de elaboração do passado e transformação do presente. Nesse sentido, o artigo de Grazielle Frederico, “O irmão/pai de uma desaparecida política”, ao consultar documentos do arquivo reunidos pela Comissão Nacional da Verdade, oferece um retrato histórico-crítico da busca de Majer e Bernardo Kucinski por Ana Rosa e Wilson, desde 22 de abril de 1974, que constitui a base do material documental utilizado como fonte para a elaboração do romance.

Já Giulia Riccò, em “Uma farsa: Post-Dictatorial Strategies of Forgetting and Remembering in Bernardo Kucinski’s *K. Relato de uma busca*”, propõe pensar a utilização de diferentes discursos, como o ficcional, o testemunhal e o espistolário, como instrumentos para desafiar o registro autoritário e não dialógico do discurso militar. Essa estratégia inverte os papéis político e ficcional propostos pelo romance ao transformar a dramatização da memória da violência perpetrada pela ditadura em ficcionalização, lembrando a trágica busca de um pai pela filha desaparecida ao reconvocar os crimes cometidos pelo regime militar ao centro do debate político. Felipe Bruno da Silva Cruz e Mayara Ribeiro Guimarães refletem sobre as noções de verdade institucional e memória pessoal trabalhadas por Kucinski através de estratégias narrativas e discursivas, tais como a experimentação com o foco narrativo e os limites entre verdade e ficção, que funcionam como operadores de oposição ao registro oficial da história brasileira.

Discutir textos como os de Bernardo Kucinski e colocá-los na pauta do dia é uma forma de criar estes arquivos de memória e de resistir contra uma das grandes feridas brasileiras – a naturalização da violência. Quatro outros ensaios ensejam essa tarefa através da análise de obras menos conhecidas, convocando pontos de discussão distintos e complementares. Marianna Scaramucci, autora de “NarrAções da ditadura: por uma ecologia das memórias” (em curso de publicação pelas Edições Carolina), que

analisa os romances *K. Relato de uma busca*, de B. Kucinski e *Não falei*, de Beatriz Bracher, contribui para este dossiê com o artigo “Desaparecidos vivos e filiação feminina em *Júlia*, de Bernardo Kucinski”. Com aguçada argumentação teórico-crítica, propõe uma leitura da tragédia das crianças sequestradas pelo regime militar brasileiro, no romance *Júlia. Nos campos conflagrados do Senhor*, de 2020. Ao discutir o silenciamento deste trauma no Brasil de hoje, reflete sobre seu escasso tratamento literário e propõe uma análise inédita dessas figuras e da complexidade com que Kucinski traz à tona o problema de uma violência transgeracional com base na filiação feminina fraturada, e na possibilidade de uma recomposição identitária pela via materna. O artigo estabelece ainda um importante diálogo com autores de gerações mais novas à de Kucinski, que também tratam do tema, encetando uma conexão deste romance com *K. Relato de uma busca*.

Por sua vez, “Distopia e hibridismo em *A Nova Ordem*, de B. Kucinski”, de Fernanda Nunes de Araújo e Paulo Alberto da Silva Sales, lê o enredo distópico do romance de 2019 a partir da perspectiva do hibridismo entre fato e ficção. Detendo-se na investigação da representação da distopia que a sociedade apocalíptica de *A Nova Ordem* enseja, e de sua configuração pelas figuras dos generais que comandam e da massa que compõe esta “nova ordem”, o ensaio discute as práticas de manipulação comportamental dos indivíduos que inviabilizam o direito de sonhar dos brasileiros.

Os estudos realizados por este dossiê detêm-se ainda na leitura de contos de Kucinski, como proposto pelo artigo “‘Joana’, de Bernardo Kucinski, e a representação dos desaparecidos durante a ditadura”, de Diego Kauê Bautz, e no estudo comparativo de seus textos com a obra de outros autores nacionais, em “*K: relato de uma busca*, de Kucinski, e *Reflexos do Baile*, de Callado: autoritarismo e violência na literatura brasileira”, de Ana Paula Macedo Cartapatti Kaimoti.

No primeiro, pela investigação das estratégias narrativas usadas no conto “Joana”, do livro *Você Vai Voltar pra Mim e Outros Contos* (2014), destaca-se a denúncia que Kucinski faz dos crimes cometidos pela ditadura, inserindo-o em certa tradição da literatura brasileira voltada para a representação de projetos de nação orientados por um gerenciamento da morte. No segundo, propõe-se um estudo comparativo sobre os modos de narrar a experiência do regime militar em *K. Relato de uma busca* e *Reflexos do Baile* (1976), de Antonio Callado sob o ponto de vista do enfrentamento coletivo deste legado de autoritarismo e violência em relação à memória dos mortos e desaparecidos políticos, pela análise da temática e pelas estratégias discursivas que simulam o formato de cartas, informes e relatórios na composição do texto ficcional. Como fechamento deste dossiê, trazemos também a entrevista que o professor Sérgio Schargel realizou, em 2020, com Bernardo Kucinski.

Para finalizar, o número 59 da Revista MOARA conjuga ainda uma seção de tema livre, que conta com a contribuição de sete artigos sobre poetas e romancistas brasileiros e estrangeiros, e um ensaio. O primeiro deles, “Cuerpo de mujer, peligro de muerte”: residuos humanos en 2666 de Roberto Bolaño y *Chicas muertas de Selva*” Almada, de Virginia Holzer e Carmen Carrasco Luján, dedica-se à leitura dos feminicídios representados na quarta parte do romance do escritor chileno e da narrativa Almada, a partir do que entendem como “basurización” do corpo feminino, provocada por diferentes fatores, entre eles a economia neoliberal, a violência simbólica marcada pelo discurso machista e a impunidade e dessensibilização dos indivíduos

diante destes crimes.

Seguindo por seara semelhante, “A escrita engajada de Pagu contra a opressão de classe social, gênero e raça em *Parque Industrial*”, de Francielie Moretti e Felipe dos Santos Matias, põe em cena o diálogo entre o romance de Patrícia Rehder Galvão e o pensamento de Jean-Paul Sartre. O viés crítico adotado pelo artigo concentra-se no desumanizador processo de industrialização das primeiras décadas do século XX no Brasil e do abismo entre os privilégios da classe dominante paulista e a miséria dos trabalhadores, voltando-se à exploração do proletariado pelo regime capitalista e ao feminismo burguês brasileiro, centrado no sufrágio feminino e no direito das mulheres ao trabalho, e alheio à situação vivenciada pelas proletárias brasileiras e pelo racismo vigente na sociedade.

Por sua vez, “O espectro fantasmático da desigualdade social no conto “O outro”, de Rubem Fonseca”, de Rafael Lucas Santos da Silva e Marisa Corrêa Silva, realiza uma leitura da narrativa em “O Outro”, de Rubem Fonseca, a partir do Materialismo Lacaniano e sua noção de Real, com base, especialmente, na noção de “espectro fantasmático”, estudada pelo filósofo Slavoj Žižek. Centrado na relação do narrador com a matéria ficcional da pobreza, especificamente nas relações de classe entre os personagens, os autores avaliam como a temática possui lastro histórico com longo percurso de sedimentação no processo histórico-social do “homem livre pobre” (SCHWARZ, 1990, 2000), levando em consideração o binômio exclusão/representação das classes marginalizadas na produção literária brasileira.

De outro lado, em “Por um chamado ao selvagem em a maçã no Escuro, de Clarice Lispector, e a crítica de Evando Nascimento”, Fabrício Lemos da Costa reflete sobre a presença de um chamado selvagem no romance *A maçã no escuro* (1961), de Clarice Lispector, recorrendo aos estudos críticos de Evando Nascimento, sua original abordagem e pressupostos teóricos em relação à noção de alteridade e ao pensamento do selvagem. Por sua vez, “Relações de gênero e a questão racial em *Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir”, de Priscila Garcia Balieiro e José Rosa dos Santos Júnior, aborda a representação da mulher negra e do subalterno no contexto amazônico, em *Chove nos Campos de Cachoeira* (1991) de Dalcídio Jurandir, a partir da análise da constituição da personagem D. Amélia. O artigo de Jope Leão Lobo e Rogério Caetano de Almeida, “Herberto Helder e o deslocamento: uma linguagem rizomática absurda”, finaliza esta seção com uma proposta de reflexão sobre o sentido de homem que a poesia de Herberto Helder opera, a partir de uma lógica rizomática e da relação entre linguagem, tecnologia e humanidade.

Por fim, Benjamim da Costa Araújo e Ivânia Neves, no ensaio “Religar-se à terra para o céu não cair” refletem sobre as possíveis constituições de humanidade a partir de conceitos e concepções fundamentais de ser/sujeito/humano na perspectiva ameríndia a partir da análise do narrar cosmológico de povos originários face ao modo inexorável de ser e de estar do mundo não-indígena.

Os organizadores agradecem aos autores e avaliadores que contribuíram para este número e, sobretudo, a Bernardo Kucinski, a quem tanto devemos.

Os Organizadores